

Memórias do passado histórico do Clube Naval de Peniche

Nas décadas de 40/50 do século passado Peniche foi vítima, como outras terras marítimas, de uma doença ocular, a Tracoma, que afectava a visão dos pacientes. Para debelar a situação as autoridades sanitárias criaram o Instituto Anti Tracomatoso, que em Peniche foi instalado no local onde anteriormente funcionou o talho municipal, na Rua Marechal Gomes Freire de Andrade.

Como responsável da delegação de Peniche foi nomeado o médico oftalmologista Snr. Dr. Fernando Nolasco da Silva.

O Snr. Dr. Fernando Nolasco era um desportista náutico dedicado à vela e ligado à Associação Naval de Lisboa e Federação Portuguesa de Vela. Quando chegou a Peniche e constatou as excelentes condições para a prática do seu desporto favorito e porque na nossa terra não existia nada que permitisse aquela prática procurou, e conseguiu, fazer interessar o Snr. António da Conceição Bento, então presidente da Câmara Municipal, na criação de um clube naval.

Obtido o aplauso entusiástico à sua ideia esperou a altura oportuna para passar à acção e, quando Portugal foi escolhido para organizar o II Campeonato da Europa da Classe Moth, conseguiu que Peniche fosse indicada para o efeito.

Para isso e por parte da Câmara Municipal, foram designados os elementos que compunham a Comissão Municipal de Turismo que, com a coordenação do Snr. Dr. Nolasco e a ajuda de alguns seus amigos, para além das ajudas técnicas da Associação Naval de Lisboa e Federação Portuguesa de Vela, desempenharam a sua missão.

Como primeiro passo houve que constituir um clube que abraçasse a prática das actividades náuticas e assim nasceu o CLUBE NAVAL DE PENICHE, a que foram associados todos os elementos que participavam na organização do evento.

Recordo os nomes, para além do Snr. Dr. Fernando Nolasco e Snr. António Bento, os Srs. João Maria da Conceição, Francisco de Jesus Salvador, José Fernandes Bento, Luís Correia Peixoto, Francisco Alexandre Vidal Franqueira, Renato Henriques Faria, Mário Augusto Palma de Almeida Braga, José Artur Palma de Almeida Braga e Fernando Fragoso.

O campeonato decorreu com uma organização impecável, estiveram presentes clubes de Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Suíça e Marrocos.

Findo o campeonato houve que manter a chama acesa e, porque, na qualidade de amigo e companheiro de escola do Carlos Manuel Carneiro Costa e Sá, que, como funcionário da Câmara foi designado para secretariar o evento, acompanhei os primeiros passos desta organização, fui chamado a colaborar na continuidade do clube.

Os irmãos Almeida Braga eram naturais da Lourinhã e amigos pessoais do Snr. Dr. Nolasco, que tinha uma casa de férias no concelho da Lourinhã e o Snr. Fernando Fragoso era outro seu amigo, companheiro das lides náuticas e foi o primeiro sócio benemérito do clube, pois fez a oferta de três embarcações, duas da classe moth e uma da classe vouga.

As embarcações oferecidas constituíram o polo de atracção dos entusiastas que abraçaram o desporto da vela e constituímos um pequeno núcleo. Ficaram sediadas nas instalações designadas por “amanhador” e a partir dali foram sendo utilizadas. Quanto ao núcleo iniciador recordo-me do António José Freitas Mota, António Júlio Henriques da Silva, e outros, que começaram a auto construção das suas embarcações, imagine-se, nos Remédios o local onde conseguiram instalações para tal.

Pessoalmente levei o entusiasmo mais longe. Apercebi-me que os irmãos Cavaco, do Clube Naval de Alhandra, para além de excelentes velejadores, eram os construtores das suas embarcações e que se dispunham a vender uma delas. Movi as minhas influências e conjuntamente com um primo/irmão o Óscar Petinga adquirimos a embarcação Isabelinha, que me proporcionou excelentes dias de mar e foi a primeira embarcação a representar, em provas oficiais, o Clube Naval de Peniche.

Como aconteceu a entrada do Isabelinha na história do Clube Naval? A organização do Campeonato Europeu deixou boas recordações nos anais da vela e, a propósito da organização de uma prova do campeonato no Funchal, foi oferecida ao Clube Naval, uma participação extra. A Isabelinha era a única embarcação com alguma hipótese de participar, e lá foi, não tripulada por mim, que o emprego não permitia, mas pelo António José Freitas Mota. Ainda hoje guardo a vela que nessa prova representou o CNP. O Isabelinha, já numa fase de decadência, foi oferecido ao Clube de Alhandra, com a obrigação de o recuperarem, para fazer parte de uma homenagem que foi prestada à memória dos irmãos Cavaco.

Voltando às embarcações sediadas no amanhador. Após um curto tempo as instalações foram precisas, não sei se já para instalação da cantina municipal, e as embarcações em situação de emergência foram guardadas num armazém situado na Rua Gomes Freire de Andrade em frente ao Instituto Anti Tracomatoso. Era um problema para as usar, porque as portas eram estreitas e as embarcações pesadas, para além da distância a que estavam da água.

Recordo que a sede do CNP funcionava nas instalações do Posto de Turismo, que estava instalado na Rua Alexandre Herculano, na casa onde funcionou até há pouco tempo, a Ourivesaria Cação Ribeiro.

Com a boa vontade da Câmara Municipal e do Snr. José Fernandes Bento, conseguimos a autorização para utilizar uma casa situada no Porto da Areia, antigo paiol da pedreira de onde foi retirada a pedra para as obras de ampliação do primeiro molhe do porto de pesca. Melhorou a situação e permitiu que se pensasse em instalar uma escola de vela, que, mais uma vez com a ajuda do Snr. Dr. Fernando Nolasco, a colaboração da

Associação Naval de Lisboa, da Federação Portuguesa de Vela e a empresa Mendes de Almeida, nasceu com o seguinte equipamento: Um snipe, quatro embarcações da escola da Associação Naval, uma lancha de apoio e um motor "EVINRUDE", este último, oferta da empresa Mendes de Almeida.

A escola tinha o apoio de um monitor, o Snr. Luz, técnico ao serviço da Federação, ao fim de semana, e as pontas eram trabalhadas por mim e pelo Joviano Fidalgo, um jovem voluntarioso funcionário da Casa dos Pescadores, que muito bons serviços prestou ao CNP, ambos com a companhia entusiástica do Snr. Manuel dos Santos Ginja e apoio do snr. Vieira, que se responsabilizou pelas aulas de marinaria.

Continuávamos com problemas de colocar os barcos na água, apesar de o Snr. Acácio Gentil Horta nos ter oferecido um atrelado com rodas largas, que facilitou a travessia da praia do Porto da Areia Sul. Contactamos os portos de Lisboa e Leixões e tivemos a felicidade de obter resposta positiva do porto de Leixões, que nos vendeu o guindaste, ainda hoje em uso, pelo valor residual de 300\$00. O Snr. José Carlos, negociante de legumes em Ferrel e que operava no Porto teve a gentileza de, no retorno, nos transportar, gratuitamente, o guindaste até ao Porto da Areia, onde foi instalado no molhe e passou a ser mais fácil o funcionamento da escola. Entretanto, face ao desenvolvimento atingido, a Câmara brindou-nos com a oferta de um armazém em alumínio que foi instalado junto do tal paiol, o que constituiu um verdadeiro luxo.

E por aqui estivemos durante uns anos até que, uma sudoestada repentina de sábado para domingo nos partiu o snipe, o que constituiu uma baixa de vulto nas nossas pretensões. Recordo que no meio da noite eu e o Joviano tentamos salvar o snipe a partir de uma embarcação emprestada, situação onde o Joviano, que se atirou ao mar, correu algum risco. Esta ocorrência alertou todos para o facto de que ali não estava a solução, até porque, muitas vezes, o estado do mar não permitia que a escola funcionasse em termos de segurança.

Aqui ficam alguns nomes dos alunos da nossa primeira escola de vela, porque não consigo lembrar-me de todos, o José Carlos, o Chuvas, o Carlos Pereira, a Leonor Casimiro, a Manuela Mamede, a Ivone Maria Franqueira e outros, que, talvez, venham a colmatar a minha falta de memória. As três meninas de então, hoje umas distintas senhoras, foram as primeiras velejadoras do CNP e, quiçá, as primeiras de Peniche.

Voltamos à luta para que nos fosse concedido outro poiso e, do mal, o menos, conseguimos autorização para instalarmos o nosso circo no fosso da muralha, onde ainda está o tal guindaste e abrimos uma sede na Rua Latino Coelho.

A Câmara continuou atenta ao que o clube representava para Peniche e, porque abandonou a ideia de manter em funcionamento um pavilhão de pré atendimento turístico instalado à entrada do portão de Peniche de Cima, teve a cortesia de nos oferecer o pavilhão, que foi colocado junto ao armazém de alumínio e ao guindaste, onde foi instalada uma escada de portaló, salvado de um navio da marinha que se afundara nas imediações do porto, e assim ficou constituída a nossa terceira sede.

Esta última base de apoio com abertura regular a assídua permitiu ao CNP ter contacto com um número mais elevado de utentes e sócios, passamos a prestar serviços até ali impossíveis e fomo-nos afirmando como um clube indispensável para a sociedade penicheira. Porém, cedo nos apercebemos, tratar-se de um local sem segurança, onde fomos vítimas de alguns assaltos cujo prejuízo maior foram os livros de registo das actas, arquivo e troféus.

A partir da sede na Rua Latino Coelho a actividade e o interesse das pessoas já ia crescendo e o clube passou a ter uma secção de campismo, uma secção de pesca desportiva de rocha, uma secção de hóquei em patins.

A nossa secção de campismo originou o aparecimento do Parque de Campismo no sítio onde está, o denominado Pinhal da Lagoa. Alguns associados do CNP e funcionários do Banco Pinto de Magalhães começaram, por brincadeira e lazer, a acampar no pinhal. Entretanto houve um grupo de amigos que particularmente se federou e passou a frequentar os acampamentos da federação, foi quando nos organizamos e criamos a secção de campismo no clube e passamos a federados pelo CNP. Foi da autoria do Arcindo Russo o galhardete distintivo da Secção de Campismo. Como secção organizada passamos a, em colaboração com o tal grupo particular e, mais tarde, com a Física de Torres Vedras, organizar acampamentos regionais que reuniam campistas de todo o país. Na organização desses eventos sempre tivemos a colaboração da Câmara Municipal, que conseguiu autorização superior para construir umas instalações sanitárias provisórias, que, após terminados os eventos, foram servindo para um elevado número de utilizadores, chamados pela excelente situação do pinhal. Mais tarde a Comissão Municipal de Turismo conseguiu oficializar a existência de um parque de campismo organizado, que ainda hoje existe.

A nossa secção de pesca de rocha, denomino-a assim, para não se confundir com a pesca embarcada que depois se passou a praticar, atingiu um desenvolvimento bastante considerável e actuante em termos de organização de eventos. Organizamos vários concursos de âmbito nacional e estivemos presentes em muitos concursos ao longo do país em representação do clube. Mas a nossa coroa de glória foi o concurso de pesca utilizando os pesqueiros a partir de terra, na Berlenga, único até ao presente.

A secção de hóquei em patins não passou de uma forma de dar visibilidade ao clube em encontros com outras organizações da então vila, utilizando material à custa dos respectivos praticantes, incluindo as próprias camisolas.

Tudo isto a partir da tal sede da Rua Latino Coelho e mais tarde do Fosso da Muralha, mas, entretanto começávamos a ouvir que o porto ia para obras que incluía a construção de uma nova Iota e começou a tomar corpo a ideia de um dia passarmos a ocupar aquele espaço como sede do nosso clube, o que nos libertava do flagelo da falta de água a partir da meia maré e punha ao nosso dispor a rampa da Ribeira.

Até que um dia aconteceu.

Uma vez instalado no antigo edifício da Iota, que foi adaptado, conservado e melhorada a sua estrutura, o CNP aumentou a sua ligação com os associados e a população em geral. Quer através do estabelecimento de café/bar que manteve aberto, quer porque o seu serviço de secretaria passou a ter horário certo de atendimento. A sua escola de vela manteve regularidade na sua actividade, estabeleceu contacto com os estabelecimentos escolares da cidade e fizeram-se acordos de aprendizagem com os estabelecimentos de ensino, nomeadamente o Colégio Atlântico e Escola Industrial. Conseguimos autorização e instalamos um ancoradouro em regime de exclusividade para os seus associados, no local onde, mais tarde, se fixou o actual porto de recreio. Iniciou cursos sobre a arte de navegar para que os seus associados tivessem a possibilidade de obter as suas cartas náuticas. Alargou a sua actividade a várias disciplinas ligadas ao mar, como seja, windsurf, surf e o mergulho, onde formou muitos praticantes, ao mesmo tempo que prestava assistência ao seu material, nomeadamente criando uma estação de enchimento de garrafas.

OS EVENTOS MAIS IMPORTANTES:

1956

II Campeonato da Europa da Classe Moth

1960

Grande Concurso de Pesca Desportiva de Mar

1962

1º Acampamento Regional de Peniche

1963

2º Acampamento Regional de Peniche

1964

Grande Concurso Nacional de Pesca de Mar

1964 (23/08/64)

I Concurso de Pesca Desportiva na Berlenga

1964 (4-5-6 Setembro)

Acampamento Regional Peniche – Torres Vedras

1966

Prova Nacional de Motonáutica

Nota – As provas que indicamos acima são as de cariz nacional porque o clube foi organizando e colaborando noutros eventos, tais como, regatas de confraternização, apoio a regatas que tinham etapas em Peniche, como a D. Pedro V e a Aporvela, bem como concursos de pesca inter- sócios, etc.

OS SEUS COLABORADORES:

Joaquim Nordeste
José Piaça
António Cativo
Luís Chagas
António Sales
António Nobre
Ana Macatrão
José Pereira

COMPONENTES DE DIRECÇÕES:

Fernando Nolasco da Silva - P
Francisco de Jesus Salvador - P
Mário Augusto Palma de Almeida Braga
Comandante Andrade e Silva- P
Comandante Rosa - P
Comandante ? - P
Comandante Pimenta - P
Francisco Alexandre Vidal Franqueira - P
Manuel do Santos Ginja
João Marques Petinga Avelar - P
Vieira
Humberto Rosa Faustino - P
Fernando de Jesus Neves
António Júlio Henriques da Silva
Joaquim Hermenegildo Cadilha
Francisco Ribeiro
Reinaldo Gomes
João Augusto Barradas
Joel da Mata
José Rafael
Francisco António Bernardo
Luís Fernando Mamede Almeida
Pedro da Silva Rodrigues
Armando Faria da Silva Fandinga

Autor: João Marques Petinga Avelar

2014-07-01